

INVESTIGAÇÃO SOCIAL – A PESQUISA DE CAMPO E A CIENTIFICIDADE HOJE

Roberto Cipriani¹

Bom dia. Mais do que como italiano, gostaria de falar com vocês como europeu, porque há essa relação que também passa através da América Latina. Naturalmente, pode-se discutir se essa terminologia ‘América Latina’ é justa, mas tanto o português quanto o espanhol, e também o italiano, derivam do latim. Portanto, nós estamos no mesmo patamar e sendo assim, eu prefiro fazer uma apresentação difícil, complicada, desafiadora, ao invés de ter uma relação de colonizador e baixar o nível como se vocês não fossem capazes de acessar o difícil, por isso é importante o complicado nesse momento. Então, farei uma apresentação que vai exigir esforço. Esse encontro é o maior desafio que eu tive esse ano porque nasce de temas que são decisivos para o confronto da pesquisa. Eu também tenho certeza de que para vocês também vai ser um assunto muito difícil, mas eu acredito que também vai ser um ponto de virada.

Ética, Pesquisa e Direitos Humanos é o título deste encontro que estamos realizando. Não é por acaso que a palavra *Pesquisa* está entre a *Ética* e os *Direitos Humanos*. A pesquisa é, antes de tudo, conhecimento e sendo conhecimento, eu não posso começar a pesquisa partindo do princípio daquilo que eu acredito que é. Mas, é uma postura de estar aberto a descobrir o que realmente é a pesquisa científica. Eu tenho consciência de que existe uma tendência a colocar juntas *Pesquisa* e *Ação* como se fossem uma única coisa, mas para um correto posicionamento científico é importante distinguir aquilo que é o *conhecer científico* e aquilo que é depois o *agir*. Max Webber, foi um sociólogo alemão que trabalhou muito sobre o método das Ciências Sociais. Naquele período existia uma discussão sobre o método. No final do século XIX e início do século XX, Webber dizia que há uma diferença entre *fatos* e *valores*. Para ele, eu não posso exprimir um juízo de valor sobre o fato antes de conhecê-lo. Portanto, eu devo conhecer o fato sem partir de um juízo de valor, sem partir do meu *pré-conceito* e só depois que eu fizer a pesquisa é que vou agir. Enquanto isso, a própria pesquisa já é um tipo de ação porque ela ajuda a sociedade a se entender, a conhecer a si mesma. Eu não estou excluindo que depois da pesquisa eu vá fazer movimentos sociais, eu estou dizendo que antes eu devo conhecer. Mas, é claro que essa é a minha

¹ Professor e Diretor da Faculdade de Ciências da Formação da Universidade Roma TRE e Presidente da Associação de Sociólogos da Itália.

posição, outros sociólogos tem posição diferente, isto é, crêem que você deve pesquisar enquanto age.

Não se faz nenhuma pesquisa, sem que na base da dela já existam alguns conceitos. Os conceitos podem ser vários, como *Ordem e Progresso*, que está na bandeira do Brasil, e que é um conceito sociológico inventado por Auguste Comte, o fundador da Sociologia. Portanto, os conceitos são fundamentais. Se uma pesquisa não tem os conceitos bem definidos, não se pode dizer que é uma pesquisa científica. Naturalmente, os conceitos já podem ser definidos no início ou podem nascer dos próprios dados recolhidos na pesquisa. Se eu coloco os conceitos no início, antes de começar a pesquisa, isso quer dizer que estou utilizando um tipo clássico de pesquisa, mas se eu acho os conceitos a partir dos dados colhidos na pesquisa, eu estou me referindo a um novo modo de fazer pesquisa, de fazer sociologia. Então, estamos falando de *metodologia* que vem do grego: *methodos*, que significa estrada e *logos*, o discurso que vai ser feito enquanto se caminha na estrada. E há uma diferença entre método e metodologia. A metodologia é o discurso de como usar o método e método é o instrumento. Mas, também existe a meta-metodologia que está acima da metodologia, isto é, todos aqueles critérios científicos que são compartilhados por todas as ciências, da matemática à física à astronomia, etc.

Agora vamos falar de *paradigma*. O que é um paradigma? Existem muitas definições de paradigma. Vou dar uma indicação muito precisa. Existe um texto que já foi traduzido aqui no Brasil de autoria de Thomas Kuhn, data de 1962 e se intitula *A Estrutura das Revoluções Científicas*. Naquele livro Kuhn definiu como um processo mental que coloca junto de instrumentos e objetivos e define o modo através dos quais eu quero chegar ao conhecimento. Portanto, digamos que o paradigma é algo que se assemelha à metodologia, mas é algo bem mais amplo, muito mais vasto. Thomas Kuhn disse que a falta de continuidade de um paradigma a outro ocorre quando, nas ciências, se muda um ponto de vista muito geral. Um exemplo clássico de mudança de paradigma se dá com a chamada Revolução Copernicana, porque com Ptolomeu se pensava que a Terra estivesse no centro do Sistema Universal, com Copérnico é o Sol que está no centro do Sistema Universal e agora, nós já temos outro paradigma porque sabemos que não é nem o Sol que está no centro do Sistema Universal, o Sol está na periferia da periferia. Portanto, já esse exemplo nos diz que um paradigma pode mudar. Sendo assim, a ciência pode mudar. A ciência deve ser colocada num contexto temporal muito preciso. Isso indica que um paradigma científico

é plural e múltiplo. O que quero dizer é que o paradigma não se pode medir. Portanto, o paradigma é sempre algo muito relativo.

Kuhn morreu em 1996, não era um sociólogo, ele era um filósofo historiador. Mas, quando foram tentar contar quantas definições Kuhn deu para o paradigma, acharam umas vinte e cinco. Isso é um claro exemplo da mutabilidade do paradigma, portanto a primeira lição que Kuhn nos deu diz respeito à mutabilidade do conhecimento científico. Existem tantas definições de paradigma e também tantos paradigmas entre si muito diferentes, mas eu não entro em detalhes porque seria muito complicado e não daria tempo de falar nisso, mas uma coisa eu quero sublinhar: um paradigma que tem um conteúdo ideológico não é um paradigma científico. Por exemplo, o paradigma de Comte, *Ordem e Progresso*, é um paradigma ideológico. Esse não serve no plano científico. Agora nós temos que pensar em um paradigma que seja direcionado para entender as coisas. Um paradigma que, de qualquer modo, tente observar e olhar para a explicação, ou seja, para como estão as coisas. Vamos ver aqui se podemos fazer uma mudança de paradigma. Quem estuda Ciências Sociais e Humanas sempre fala sobre confirmação de uma hipótese porque o esquema clássico ensina assim: eu tenho uma hipótese e depois eu vou verificar os dados para saber se ela é verdadeira ou falsa. E o que é a hipótese? É dizer que o fenômeno depende de um fator e esse fator está na origem do fato. Com Popper, mudou a perspectiva. Não se confirma a hipótese, se vai, ao contrário, de preferência, falsificar a hipótese.

Então, vamos ver o que é o método científico hoje. Não é persuadir, fazer um belo discurso ou uma conferência. Não é retórica, é metodologia. Portanto, a abordagem científica hoje deve se basear em argumentações. Não se deve pensar na racionalidade, mas se deve pensar na razoabilidade. Existem tantas disciplinas e, portanto, muitas metodologias, por exemplo, existe um conhecimento experimental em física, conhecimento formal em matemática, mas a física teórica quase coincide com a matemática, por isso há um grande risco de confusão. Confundir entre hipótese e teoria, confundir entre confirmação e medida. Muitas vezes se pergunta se uma teoria pode ser confirmada. Um paradigma pode ser verificado? A resposta é não. Porque a confirmação se fundamenta por uma medida e não tem nenhuma medida para confirmar uma teoria. Porque a teoria e o paradigma são sempre uma construção de conceitos, mas todas as pesquisas, mesmo naquelas muito bem feitas, os resultados, nem sempre, dizem a mesma coisa. De fato, se eu dou um dado ou uma tabela de estatísticas, duas pessoas diferentes não vão interpretá-las de formas iguais. Portanto, vamos cortar do nosso vocabulário científico a palavra *confirmação*. A

confirmação na situação científica de hoje não existe mais. Se preferir um termo mais aberto que é *corroboração*. Junto com *corroboração* vem a ideia de *preferibilidade*. Por exemplo, se há algo que pode ser mais corroborado do que o outro é algo preferível. Portanto, um resultado que me parece mais confiável porque é mais corroborável é preferível a outro. A palavra *confirmação* foi cortada e agora vamos cortar outra: *verdade*.

No campo científico, não existe a verdade. Porque toda a história da ciência demonstra que o que era verdade em certo momento, depois não é mais. Espero que todo mundo tenha entendido que minha intenção de hoje é fazer com que, todos nós que fazemos atividade científica, fiquemos muito mais cautelosos e prudentes quando formos fazer esse tipo de atividade. Então, se não existe a *confirmação* nem a *verdade*, o que existe? Existe a *validade científica*. E essa validade deve ser sustentada pelos dados. Vamos dar um exemplo muito claro, o de um robô. O robô consegue soluções diante de problemas que ele conhece. Se o robô tiver que enfrentar um problema novo, ele não vai operar. Portanto, quando um cientista diante de um problema novo é capaz de encontrar uma solução nova e no campo científico, um êxito positivo do passado não é garantia de que vai dar certo hoje também. Mas, nós devemos de qualquer modo conhecer, por isso se nós encontramos uma ação que se demonstra eficaz naquele momento, ela não é *verdadeira*, é uma ação *válida*. Agora, vamos dar outro passo adiante, ainda mais destrutivo. Popper dizia que ao invés de *verificar* eu devo *falsificar*. Qual é o problema? É que existem teorias *controláveis*, e não *verificáveis*, e outras teorias que não são controláveis, por exemplo, uma teoria religiosa é uma teoria metafísica, não é controlável. Existe uma maneira de fazer atividade científica que deriva deste raciocínio. Se de A eu deduzo B e B é falso, então A também é falso. Mas, como cheguei a concluir que B é falso ou que não funciona? O problema é que eu não controlo os métodos, os sistemas de medida relativos a medir aquilo que é *falso*.

Kuhn escreveu a *A Estrutura das Revoluções Científicas*, mais ou menos, em 1968, já Carl Gustav Hempel, em 1945, falou do *paradoxo dos corvos pretos* no seu livro *Estudos sobre a Lógica da Confirmação*. É verdade que todos os corvos são pretos? Ou melhor, é *válido* que todos os corvos são pretos? Agora se eu tiver de continuar com a metodologia científica habitual, eu deveria dizer que “todas as coisas que não são corvos, não são pretas” e também que “tudo aquilo que não é preto, não é corvo”. Se eu observo tantas coisas que não são pretas e que não são corvos, aumenta a probabilidade que todos os corvos sejam pretos. Mas, esse é o ponto principal. Nenhum dado empírico será capaz de demonstrar que todos os corvos são pretos porque por mais que eu

observe nunca vão ser suficientes para demonstrar que todos os corvos são pretos. Porque basta que apareça um corvo branco ou amarelo ou azul, para que caia a afirmação de que todos os corvos são pretos. E mesmo que eu faça uma entrevista com todos os homens e mulheres do mundo para saber se já viram algum corvo que não fosse preto, eu nunca terei certeza de se, por exemplo, bem escondido na Amazônia não exista um corvo branco. Portanto, a *indução* não é válida. Partir do particular para chegar ao geral não dá certo e a dedução também não serve, partir do geral para chegar ao particular. Já em 1880 Charles Sanders Peirce, disse que não se deve usar nem a *dedução* nem a *indução*. Mas, a *abdução* que significa olhar, ao mesmo tempo, para o geral e para o particular.

Um fato isolado pode ser estudado cientificamente? Uma assistente social que tem diante de si uma pessoa pode estudar cientificamente aquela pessoa? Vamos tentar dar uma resposta usando a tese de Duhem-Quine. O que disse Duhem²? Em física, por exemplo, uma experiência não pode jamais confrontar uma hipótese isolada, pois não é possível controlar todos os instrumentos que fazem a pesquisa. Se eu uso um telescópio, eu não tenho certeza se ele está funcionando bem, pode ser que esteja fora de foco, pode ser que o instrumento de medida esteja funcionando mal. Então, se eu me basear apenas naquele experimento, vou tirar conclusões que não têm fundamento. Agora o que disse Quine³? Todos os conhecimentos e convicções, tudo aquilo que nós sabemos são uma construção conceitual, portanto como vocês viram, nós voltamos ao ponto de partida: “não existe ciência sem os conceitos”. Quine disse o seguinte: “a teoria diz respeito à experiência só marginalmente, isto é, a teoria não pode, jamais, se sobrepor à experiência”.

Agora dez coisas muito importantes. Popper disse que devemos falsificar e contestar. Primeira regra científica: se pode sempre contestar a contestação. Segunda: Se a teoria é controlável, por exemplo, no campo da física, pode ser contestada pela experiência. Terceira: uma teoria não controlável, por exemplo, a metafísica, a religião, não pode ser contestada pela experiência. Quarta: a refutação da refutação pode, sempre, continuar. Quinta: Agora, o que fazer com a ideologia? Pode ser criticada no método. Sexta: Muitas vezes assistimos a uma contaminação entre teoria controlável e teoria não controlável. Por exemplo, se eu me interesse

² Cfr. DUHEM, Pierre. *O valor da teoria física: o seu objeto e a sua estrutura*, 1 ed. francesa: 1906. Título em francês: *La théorie physique: son objet et sa structure*. NT.

³ Cfr. QUINE, Willard Van Orman. *Palavra e objeto*. Ed. brasileira Petrópolis: Vozes, 2010. NT.

pela religião, quando o sociólogo é um padre há uma grande confusão entre teoria controlável e não controlável. Ou seja, existe ali presença de ideologia naquilo que é atividade científica. Sétima regra: uma teoria não controlável, ou seja, uma ideologia pode, porém, produzir asserções controláveis. Por exemplo, se eu pego uma religião, é claro que a religião, em seu conjunto, não é controlável, mas podem existir confirmações daquela religião que sejam controláveis e possíveis de serem medidas. Portanto, são sujeitas a serem também consideradas válidas. Oitava regra: o problema é que é difícil de distinguir entre teoria não controlável, isto é metafísicas, isto é ideologias, e uma teoria científica controlável que, porém é muito difícil de ser controlada empiricamente. Nona regra: Podem existir previsões válidas e previsões não válidas, por exemplo, a previsão do tempo. Mas, existe um efeito perverso que alargando as previsões válidas se alargam, também, as previsões não válidas. De fato, quando estamos escutando a previsão, estamos escutando os dois tipos e não temos como distinguir quais são as válidas e quais são as não válidas. Décima e última regra: Mesmo uma teoria não válida pode ter previsões que sejam válidas ou não válidas. A ciência é sempre incompleta. É sempre parcial. Não no sentido de que se faz uma escolha ideológica, mas no sentido de que só uma parte do conhecimento é possível.

Como podemos ter certeza de que um resultado é válido? Hoje se usa muito uma avaliação por parte de estudiosos que são competentes no setor. Se eu sou um astrônomo e digo que descobri certa estrela, que tem certas características, quem vai avaliar se tem fundamento ou não no que eu descobri são meus próprios colegas. Mas, se deve ter muita atenção. Não é que o acordo de muitas falsidades produza uma verdade. Quero dar um exemplo para vocês muito significativo. Anos atrás existia um estudioso de gêmeos para ver se o comportamento deles, ao longo da vida, era igual. Ele fez os estudos e publicou. Outro estudioso quis confirmar se o experimento científico tinha sido correto e a primeira coisa que ele descobriu é que aumentando o número de casos examinados, os percentuais eram sempre os mesmos. Quem conhece estatística sabe que se mudar o universo, os dados mudam, mesmo que pouquíssimos, mas mudam. E esse estudioso pensou como nunca ninguém havia contestado essa pesquisa porque todos os colegas tinham interesse que aqueles dados fossem verdadeiros. Não bastou. Ele continuou a pesquisa para ver se os dados eram válidos e então, examinou todas as publicações sobre aquela pesquisa e procurou pelas pessoas que as assinaram e descobriu que elas não existiam. Em todas as publicações era sempre o mesmo estudioso usando um nome falso e até analisando o conteúdo dessas publicações se percebia que o estilo linguístico era o mesmo. Portanto, esse sistema de *validação pelos colegas* não é muito

seguro, mas hoje é muito usado. Segundo critério: os dados de uma pesquisa são válidos se são capazes de resolver problemas. Terceiro critério: o critério da *razoabilidade*, não o da *racionalidade*. Quarto critério: se deve ver se a ideia de *verificação*, ou melhor: de *corroboração* pode passar das ciências físicas para as sociais.

No início do século XX, dois estudiosos, um americano e outro polonês, estudaram respectivamente: um camponês polonês nos EUA e um camponês polonês na Europa. No fim da pesquisa, eles chegaram à seguinte conclusão: nenhum comportamento individual depende apenas de uma razão ou motivo individual e nenhum comportamento individual depende apenas também de uma razão social, como muitas vezes dizemos “é culpa da sociedade”. Um fenômeno sempre é resultado de um elemento individual conjugado com um elemento social.

Hoje, em particular, é difundida uma nova perspectiva sociológica que é Grounded Theory (Teoria Fundamentada nos Dados). A base dela são os dados e os autores que a propuseram são americanos, Strauss e Glaser⁴. O que eles dizem? Nós não devemos ter hipóteses e não devemos partir de uma teoria. Nós devemos somente recolher os dados e dos dados, nós vamos colher a teoria. Mas, eu acredito que essa não seja a solução mais adequada. Vocês lembrem que no início eu disse que não existe pesquisa sem conceitos e eu acrescento à Grounded Theory, a presença de conceitos. Mas, quando se devem inserir os conceitos? Quando eu terminar a pesquisa. A Grounded Theory previa três fases: primeiro uma codificação aberta, ou seja, eu recolho todos os dados possíveis. Segunda fase: uma codificação cruzada, cruzar um dado com outro. A terceira fase é uma codificação seletiva, ou seja, eu seleciono o mais importante. Encontro aquela que seja a categoria central, principal. Porém, eu quero deixar claro que antes de fazer a pesquisa eu não vou ler dados sobre o tema para não me deixar influenciar pelos dados dos outros. Porque se eu já sei quais os conceitos e resultados de outros, mesmo na minha entrevista eu vou me deixar influenciar e se eu recolher todos os dados sem interferência, então eu começo a procurar os conceitos principais nos dados e começo a fazer tentativas e ver se esses são realmente os conceitos guias.

⁴ Cfr. GLASER, B.G; STRAUSS, A. *A Discovery of Grounded Theory: Strategies for qualitative research*. The Sociology Press. 1967.

Blumer⁵, o inventor do interacionismo simbólico, disse que esses são conceitos que orientam a pesquisa. Portanto, eu coloco esses conceitos quando a pesquisa já está feita, depois eu vejo se eles podem ser cruzados entre si para ver qual é o mais importante e é a partir desse conceito mais importante que eu construo a teoria. Essa é uma Teoria Baseada sobre os Dados, Grounded Theory. Porém, já dissemos até agora que não existe a *verdade absoluta*, que não tem a *confirmação* e como posso ter *certeza* sobre essa metodologia? Porque eu trabalho com a *triangulação entre metodologias*. E, portanto, além da Grounded Theory, que é uma teoria *qualitativa*, também uso a metodologia *quantitativa*. No sentido de que eu uso os *questionários* e uso as *análises estatísticas*. Então, eu procuro combinar o que vem do quantitativo e o que vem do qualitativo, aquilo que vem da indução e da dedução, então eu uso a *abdução* de Peirce. É claro que não tenho um resultado absoluto, mas graças a esses “faróis acesos” ao redor do objeto de estudo, eu tenho um resultado *confiável*. Portanto, um resultado *preferível* - e eu volto ao ponto de partida - não é uma *confirmação*, mas sim, uma *preferibilidade*.

Eu terminei e acho que nesse ponto, todos nós estamos: Primeiro, convencidos da dificuldade de fazer atividade científica; segundo, que todos nós estamos autorizados a refutar os resultados dos outros e da mesma maneira estamos disponíveis a refutar os dados dos nossos resultados. Assim, estaremos fazendo *pesquisa* e não, *ideologia*.

⁵ Cfr. BLUMER, Herbert. *Críticas de Pesquisa nas Ciências Sociais: Uma avaliação de Thomas e Znaniecki sobre o rústico e refinado na Europa e América* (1939); BLUMER, Herbert. *Interação simbólica: Perspectiva e método* (1969). NT.